

Poesia marginal, mediação literária e formação docente inicial – a antologia *Destino: poesia* em sala de aula


Marginal poetry, literary mediation and initial teacher training – the anthology Destino: poesia in Literature classes

Poesía marginal, mediación literaria y formación inicial del profesorado – la antología Destino: poesia en clases de Literatura


André Luís Mourão de Uzêda¹

 0000-0002-0300-4221

Esther Martins Monteiro²

 0009-0004-9237-8867

Géssica Moreira Ramos³

 0009-0003-8586-4173

RESUMO: Expõe-se uma experiência desenvolvida em contexto de educação básica com a leitura de poemas da geração marginal, a partir da adoção da antologia *Destino: poesia* (Moriconi, 2010, 2016) como leitura curricular no 8º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da UFRJ. Comprometida com a mediação literária de poesia em contexto formal de ensino e apoiada nos pressupostos teórico-metodológicos de Colomer (2007) e Pinheiro (2018), a experiência didática contou com o envolvimento de duas licenciandas em Letras, cujas aulas centraram-se na referida antologia para introduzir, em tema e forma, as características da produção poética brasileira dos anos 1970-1980 (Hollanda, 2004, 2021). Explicitados os fundamentos do trabalho, apresenta-se a análise literária da antologia poética, com foco em suas potencialidades para a formação de jovens leitores literários. Na sequência, assumindo o formato de relato de experiência, detalham-se as etapas de preparação, realização e análise das referidas aulas ministradas pelas professoras em formação, sob supervisão do professor regente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente inicial; Leitura de poesia na educação básica; Poesia marginal.

ABSTRACT: This study presents an experience developed in the context of basic education with the reading of poems of a Brazilian literary generation known as marginal poetry, based on the adoption of the anthology *Destino: poesia* (Moriconi, 2010, 2016) as a curricular

¹ Doutor em Letras (Ciência da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: andrezeda@ufrj.br

² Licenciada em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mmonteiroesther@letras.ufrj.br

³ Licenciada em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: gesssicamr@gmail.com

reading for 8th-grade students at a federal school. Committed to the literary mediation of poetry in a formal teaching context and supported by the theoretical and methodological assumptions of Colomer (2007) and Pinheiro (2018), this didactic experience involved two undergraduate students, whose lesson plans centered on the aforementioned anthology to introduce, in both theme and form, the characteristics of the Brazilian poetic production from the 1970s–1980s (Hollanda, 2004, 2021). Having explained the foundations of the work, a literary analysis of the poetic anthology is presented, focusing on its potential for the formation of young literary readers. Next, taking the format of an experience report, this paper presents the stages of preparation, implementation, and outcomes of the classes taught by the pre-service teachers under the supervision of the class teacher.

KEYWORDS: Initial teacher training; Reading poetry in basic education; Brazilian marginal poetry generation.

RESUMEN: Este estudio presenta una experiencia desarrollada en el contexto de la educación básica en torno a la lectura de poemas por la llamada generación marginal, a partir de la adopción de la antología *Destino: poesia* (Moriconi, 2010, 2016) como lectura curricular en el 8º grado del segundo segmento de la educación primaria de una escuela perteneciente a la red educativa federal. Comprometida con la mediación literaria de la poesía en un contexto de enseñanza formal, y fundamentada en los presupuestos teóricos y metodológicos de Colomer (2007) y Pinheiro (2018), la experiencia didáctica contó con la participación de dos estudiantes de grado en Letras, cuyas clases se centraron en la mencionada antología con el propósito de , introducir, tanto temática como formalmente, las características de la producción poética brasileña de las décadas de 1970 y 1980 (Hollanda, 2004, 2021). Una vez expuestos los fundamentos del trabajo, se presenta un análisis literario de la antología poética, con énfasis en su potencial para la formación de jóvenes lectores literarios. A continuación, en formato de un informe de experiencia, se detallan las etapas de preparación, implementación y análisis de las clases impartidas por las docentes en formación, bajo la orientación del docente supervisor de las prácticas curriculares.

PALABRAS CLAVE: Formación inicial del profesorado; Lectura de poesía en la educación básica; Generación de poesía marginal brasileña.

Introdução: a poesia no café e na escola

No póstumo *Winterverno* [2001], de Paulo Leminski, encontra-se um prosaico poema, não intitulado, que aqui evocamos para início de conversa:

Antes que a tarde amanheça
e a noite vire dia
põe poesia no café
e café na poesia (Leminski, 2013, p. 368).

A concepção de que a poesia está em todas as coisas, na relação entre poética, cotidiano e metalinguagem, é marca inconfundível da modernidade literária. A esse respeito, muitos literatos, teóricos e críticos da literatura já se debruçaram.

Contudo, mais recentes são as pesquisas que, na interface com o ensino, investigam a correlação entre o exercício do poético e a prática cotidiana da leitura de poesia em sala de aula. Destaque, nesse sentido, tem o trabalho de Hélder Pinheiro (2018, p. 9), engajado com o que denominou de uma “militância pela vivência do poético”. Inspirados em Leminski e instigados pelas provocações de Pinheiro, questionamo-nos: haveria meios de fazer com que se ponha a poesia na docência de forma tão prosaica quanto o poeta curitibano faz com o café? Ou, ainda, modos de se pôr a docência na poesia? Perguntado de outra maneira: como a leitura de poesia no cotidiano da sala de aula poderia realizar-se enquanto experiência com o poético?

Lecionando literatura para jovens estudantes do ensino fundamental no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRJ há mais de uma década, em geral me deparo com uma recepção de descontentamento inicial por parte das turmas quando anuncio o trabalho, durante todo um trimestre, com a leitura de poesia. Em um mapeamento geral, consonante com a proposta metodológica de Pinheiro (2018, p. 22), quando os estudantes são perguntados sobre o que pensam da poesia, alguns chavões e clichês costumam aparecer nesse momento, tais como “poesia é chato”, “é difícil de ler”, “é complicado demais”, “não dá pra entender nada”, entre outros comentários afins. Demais estereótipos comparecem quando se fala da forma: “necessariamente tem rima”, “sempre é escrita em versos” ou “tem forma fixa”. Não sendo surpreendente, a análise inicial coincide com os dados revelados pela pesquisa de Pinheiro, na qual se ressalta o desprestígio do gênero poético no fazer pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, do qual decorre um “maior distanciamento entre a poesia e os leitores mais jovens” (Pinheiro, 2018, p. 11).

A resistência à recepção do gênero não é exclusiva dos estudantes de educação básica. Como um colégio de formação de professores, o CAp UFRJ recebe semestralmente estudantes das licenciaturas (doravante chamados de licenciandos) para a realização do estágio curricular obrigatório, que são alocados nas turmas de educação básica e supervisionados pelos professores regentes em encontros de orientação semanais. Quando introduzidos ao currículo da série, já

visando aos tópicos curriculares com os quais se sentiriam mais confortáveis para a realização de suas provas de aula (regências), em geral é comum os estudantes externarem certo “medo” da poesia (e, não raro, certo apreço por tópicos linguísticos em detrimento dos literários). Novamente, tal dado converge com o analisado por Pinheiro acerca da formação dos docentes, os quais apontam, em geral, dificuldades e desconforto ao se trabalhar com poemas em aula, dadas as lacunas em suas formações para tanto – e, em decorrência, acabam por afastar a poesia dos educandos (Pinheiro, 2018, p. 12).

Isso posto, como professor de educação básica e formador de futuros professores de literatura, percebo como um desafio a ser enfrentado nesse cenário a promoção de estratégias didático-metodológicas para que possam ser superadas as resistências de leitura ao gênero poesia e, conseqüentemente, engajar ambos – estudantes de educação básica e licenciandos – a se desafiarem pelas liberdades da palavra poética em toda a sua pluralidade de formas e de significâncias. É nesse contexto que se insere o presente trabalho, em coautoria com duas egressas da licenciatura em Letras da UFRJ que atuaram com o gênero poético durante um trimestre acompanhando uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental (EF) no ano de 2024 sob minha orientação em seu estágio curricular obrigatório.

Previsto para o terceiro trimestre do ano letivo, o programa curricular desenvolvido para o 8º ano do EF pelo Setor de Língua Portuguesa e Literatura do CAp UFRJ prevê a leitura da poesia de uma geração de poetas, privilegiando-se a produção poética das décadas de 1970 e 1980 no Brasil – período que ficou conhecido na historiografia literária brasileira como a geração “marginal” ou “mimeógrafo” (Hollanda, 2004, p. 110; Moriconi, 2016, p. 9). Para tanto, como leitura curricular obrigatória para aquele semestre, foi adotada a antologia *Destino: poesia*, organizada por Italo Moriconi (2010, 2016), contendo poemas de cinco nomes expoentes da geração: Ana Cristina Cesar, Cacaso, Paulo Leminski, Torquato Neto e Waly Salomão. Desmistificando estereótipos, a abordagem adotada para a apresentação da poesia marginal a jovens leitores recupera a discussão inicial deste artigo.

Em trabalho anterior (Uzêda, 2021), dissertei sobre possíveis estratégias que podem aproximar a poesia do cotidiano dos estudantes e, por sua vez, promover a experiência com o poético ocorrendo no interior da sala de aula. Agora, retomo esse debate com a presente experiência visando aprofundar a relação entre a leitura conjunta de poesia nas aulas de Língua Portuguesa, no contexto do Ensino Fundamental, e o estabelecimento de uma “comunidade de leitores”, no sentido empregado por Teresa Colomer (2007, p. 143). Com isso, visa-se propiciar uma experiência com a literatura em “dimensão socializadora”, isto é, fazer com que os alunos se sintam, ao integrá-la, “com referências e cumplicidades mútuas”.

Para Colomer, estimular a leitura e planejar o desenvolvimento de diversas competências no ato de ler são “os dois eixos da tarefa escolar no acesso à leitura” (Colomer, 2007, p. 11). Com relação especificamente à poesia na escola, a autora pontua como propício lê-la, sobretudo, porque o gênero “desestabiliza a leitura espontânea, fere a ordem lógico-referencial de nossos hábitos de compreensão e representação do mundo e torna visível o processo de construção de sentido” (Colomer, 2007, p. 177), aspectos que “ampliam as competências de análise e de integração como operações intelectuais básicas em nossa interpretação da realidade” (Colomer, 2007, p. 177). Alcançar tais propósitos, como nos lembra Pinheiro (2018, p. 21), requer “procedimentos e cuidados específicos”: no caso da poesia, “a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada. Deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para a realização do trabalho” (Pinheiro, 2018, p. 21).

Tendo como premissa tais pressupostos teórico-metodológicos, o trabalho promovido com a leitura da poesia da geração mimeógrafo demandou planejamento prévio, construído autoral e coletivamente com os estudantes de licenciatura no decurso de seu estágio curricular, que explorasse a obra poética dos diferentes autores presentes na antologia poética adotada. Assumimos o volume *Destino: poesia* como ponto de partida para as aulas com o intuito de ressaltar, em tema e forma, características comuns compartilhadas pelos poetas e, ao mesmo tempo, não deixar de atentar às especificidades e subjetividades da poética de cada autor.

Para tanto, enriquecemos a compreensão do período com a leitura de outros poemas da mesma geração que não constam na antologia – tanto dos cinco referidos poetas quanto dos de outros escritores (a exemplo de Chacal, Francisco Alvim, Isabel Câmara e Nicolas Behr). Sendo a poesia marginal intimamente associada às condições de produção e recepção do período em que circula (os anos de repressão da ditadura civil-militar de 1964 a 1985, com seu período mais proeminente, conforme analisa a crítica especializada, após a decretação do Ato Institucional nº 5 em 1968), entendemos que toda contextualização histórica deveria partir da leitura dos próprios poemas. Com isso, evitávamos incorrer no risco de se reduzir o poema a mero produto de sua época e fazer dele pretexto para tratarmos de historiografia literária em vez da efetiva leitura interpretativa das obras em suas singularidades estéticas.

Como recorte de análise a ser apresentado neste trabalho, detemo-nos sobre os procedimentos didáticos desenvolvidos durante o estágio com a leitura de *Destino: poesia* pelas duas licenciandas, com ênfase especificamente no processo de planejamento e execução de suas aulas-regência. Alocadas na mesma turma e sob minha supervisão, ambas optaram por realizar suas práticas tendo como objeto central a antologia de Moriconi, atentando a diferentes aspectos suscitados pelos poemas marginais abordados e mobilizando distintos procedimentos de leitura. Dois grandes objetivos foram traçados para cada aula, respectivamente: I – desconstruir as visões estereotipadas e pré-estabelecidas dos estudantes sobre “poesia” a partir da versatilidade da produção poética da geração mimeógrafo, destacando-se a temática revolucionária e combativa à ditadura civil-militar, a postura anti-heroica do poeta marginal e a palavra poética como expressão de uma “cultura de resistência” à repressão (Hollanda, 2004); e II – explorar modelos não-convencionais de poesia, como o poema em prosa e o hibridismo entre gêneros textuais, manifestos em diferentes suportes de difusão da palavra poética, em especial o uso do mimeógrafo, levado inclusive para a sala de aula.

Os dois grandes objetivos, divididos nas duas propostas de prova-aula, foram encadeados e encabeçados por cada uma das ex-graduandas – hoje professoras já formadas – que atuaram comigo neste projeto. Nesse ponto, cabe explicitar que a

primeira pessoa do discurso é propositalmente empregada por nós com o intuito de ressaltar a constituição de nossas identidades docentes e dos saberes advindos de nossas experiências, no sentido formulado por Tardif (2002). Estes, em seu entender, “são construídos no interior do trabalho, no cotidiano da prática, e são indissociáveis da pessoa que ensina, pois são adquiridos no percurso da carreira e estão estreitamente ligados ao modo como o professor vive sua profissão” (Tardif, 2002, p. 36).

Como suportes teóricos já situados, as aulas foram fundamentadas nos pressupostos de Colomer (2007) e Pinheiro (2018). Metodologicamente, ao longo de todo o estágio, encontramos-nos semanalmente para reuniões de orientação. Então, debatíamos os temas de cada aula, planejávamos atividades de maneira conjunta e trabalhávamos com leituras de textos da crítica literária especializada sobre a produção poética marginal que auxiliaram em uma compreensão mais consolidada da estética do período. Assim, no processo de preparação das regências, lemos o *Destino: poesia* na íntegra, dada a necessidade de entender a composição de Italo Moriconi e conseguir localizar quais seriam os poemas trabalhados em cada aula – desse modo, seria possível retomar na regência de uma aquilo que fora abordado anteriormente por outra. Fundamental nesse sentido foi a leitura da “Apresentação” de Moriconi (2016) para a mencionada antologia, em que expõe os princípios dirigentes de composição da coletânea. A abordagem de Heloisa Buarque de Hollanda (2004, 2021) nas apresentações às 1ª e 2ª edições e na introdução “Isso foi ontem” da 4ª edição à antologia *26 poetas hoje*, bem como a leitura de *Impressões de viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde (1960-1970)*, serviram para que pudéssemos ter uma compreensão mais ampla do contexto histórico a ser abordado. Outros repertórios de fortuna crítica foram levantados pelas professoras em formação para a pesquisa de suas aulas, como Garramuño (2012) e Siscar (2010).

Cada aula foi orientada por mim, professor regente do estágio curricular, com a supervisão dos seus respectivos docentes de prática de ensino. Como melhor forma de organização deste texto, iniciamos primeiramente por uma leitura panorâmica da antologia de Italo Moriconi, salientando suas potencialidades para o

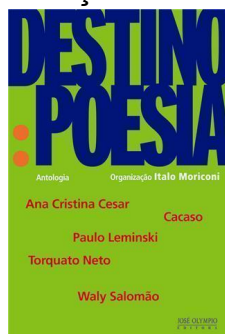
trabalho a ser desenvolvido em sala de aula que justificaram sua adoção como leitura literária trimestral por estudantes da educação básica. As duas seções subsequentes foram redigidas pelas alunas-professoras responsáveis pelas respectivas aulas por elas ministradas, em cujos textos, também assumidos na primeira pessoa do discurso, relatam e refletem criticamente sobre o processo de planejamento, execução e resultados da experiência de atuarem como regentes da turma. Somado a isso, analisam o desafio como um todo enfrentado no decurso do estágio supervisionado.

A antologia *Destino: poesia*

É recorrendo à constelação como metáfora que Italo Moriconi apresenta, na orelha da segunda edição do volume, o conjunto de poemas e poetas selecionados para a composição da antologia *Destino: poesia*. Contando com duas edições – a primeira de 2010 e a segunda de 2016, ambas lançadas pela José Olympio Editora, selo do Grupo Record –, a coletânea intenciona apresentar um panorama da denominada geração marginal, também chamada mimeógrafo, tendo como critério de seleção e recorte do período cinco nomes expoentes da geração de poetas que, no entender do antologista, seriam representativos de tempos “de muita poesia e muita loucura” (Moriconi, 2016, p. 9): Ana Cristina Cesar, Cacaso, Paulo Leminski, Torquato Neto e Waly Salomão.

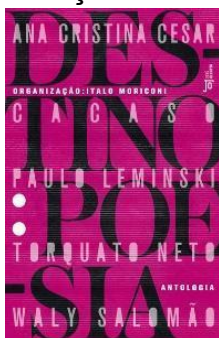
Desdobrando a imagem poética presente na orelha, Moriconi (2016) fala-nos ainda do grupo de autores “que já ocupa seu lugar lá, no céu”, e “são pontos luminosos que nos inspiram”. A primeira edição, por sua vez, não conta com orelhas; contudo, na quarta capa, um breve texto de apresentação menciona que os cinco autores “deram respostas vivenciais e estéticas a seu tempo, regido pela lei número um da loucura utópica: mais vale viver 100 anos em 10, que 10 anos em 100” (Moriconi, 2010). No entrecruzamento dos critérios temporal e biográfico, parece-nos despontar na constelação dos poetas selecionados pelo antologista aqueles que compartilham a natureza de um tipo de estrela em específico: as supernovas, cujas mortes explosivas deixam-se vislumbrar por muitos e muitos anos-luz.

Figura 1 – 1ª edição de *Destino: poesia*



Fonte: Moriconi (2010).

Figura 2 – 2ª edição de *Destino: poesia*



Fonte: Moriconi (2016).

Moriconi tem notoriedade para justificar o recorte: docente aposentado de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente professor-visitante na Universidade Federal de São Paulo, dedica suas pesquisas à produção literária da geração dos anos 1970 e 1980, tendo organizado ainda a antologia poética *Torquato essencial* (2017), com a obra reunida de Torquato Neto, a epistolografia *Caio Fernando Abreu: cartas* (2002) e a obra *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta* (1996), relevante ensaio exegético sobre a obra da poeta carioca. Seu estágio pós-doutoral na Escola de Comunicação da UFRJ foi

supervisionado por Heloisa Buarque de Hollanda, pioneira nos estudos da poesia marginal e responsável por cunhá-la dessa forma.

Embora o projeto editorial da antologia não seja especificamente endereçado ao público-leitor juvenil, muitas são as potencialidades do volume para a formação literária de estudantes dos anos finais do segundo segmento do Fundamental e do Ensino Médio, em especial para a aproximação deste público com o gênero poesia e o “trabalho sensibilizador” que ela propicia como experiência estética e política (Pinheiro, 2018, p. 124). Para este trabalho, destacamos em especial dois principais fatores que contribuem para estes fins, vinculados à função social da poesia, no sentido de promover experiências de assimilação significativa pelo leitor (Pinheiro, 2018, p. 17): I – a dimensão humanizadora e formativa por focar, em âmbito real e simbólico, um dos momentos mais complexos da história nacional (a ditadura civil-militar e o estado de exceção imposto à sociedade brasileira por ela); e II – o alastramento do que seja entendido por “poesia” para além do senso comum, em sentidos temáticos, formais e a nível dos tipos de suportes em que ela possa ser veiculada.

Com relação ao primeiro fator, destaca-se desde a abertura do volume a apresentação de Moriconi, que, em linguagem prosaica e despida dos jargões universitários comuns aos discursos acadêmicos, é muito acessível aos jovens estudantes, ao passo que traz informações consistentes e necessárias para o entendimento do contexto histórico, social e político dos anos 1970 no Brasil e no mundo que em muito contribuem para iluminar sentidos possíveis de leitura para os poemas. Não obstante, a leitura da apresentação pode ficar a cargo dos estudantes de modo auxiliar, sendo, em nosso entendimento, necessário que se enfatize sempre a leitura interpretativa dos próprios poemas e, a partir deles, se explorem eventos históricos por eles evocados, especialmente em relação aos tempos de exceção sob a censura ditatorial a partir do AI-5. Afinal, como salienta Hollanda (2004, p. 102), por ocasião da censura ao discurso político e engajado nos chamados anos de chumbo, “a impossibilidade de mobilização e debate político aberto transfere para as manifestações culturais o lugar privilegiado da ‘resistência’”

– o que reitera a importância de se depreendê-los diretamente pelo que os próprios poemas enunciam.

A seleta é profícua para esse exercício. Como exemplos, citamos, entre outros, a referência às vivências em um “país estrangeiro” e a “militantes sensuais” em “Inverno europeu” (Cesar *apud* Moriconi, 2016, p. 26), de Ana Cristina; ao passarinho “tão triste/ tão sozinho” de “Manhã profunda” (Cacaso *apud* Moriconi, 2016, p. 48) e a explícita menção ao exílio em “Lar doce lar” (Cacaso *apud* Moriconi, 2016, p. 60), ambos de Cacaso; o não-intitulado poema de Leminski que simboliza a tortura e o desaparecimento de perseguidos políticos – “morreu um periquito/ a gaiola vazia/ esconde um grito” (Leminski *apud* Moriconi, 2016, p. 87); o explícito “Literato cantabile”, de Torquato Neto, enunciando que “não se fala. não é permitido/ mudar de ideia. é proibido.” (Neto *apud* Moriconi, 2016, p. 100); ou ainda a sensação de impotência do poeta encurralado em “Oca do mundo”, de Waly Salomão: “dia sim dia não/ noite não noite sim/ o mesmo pesadelo/ e o marasmo do seu padrão” (Salomão *apud* Moriconi, 2016, p. 138). Podendo explorar os diferentes poemas dos cinco poetas da geração selecionados na antologia, é possível traçar um panorama da situação política, econômica e cultural do período, ressaltando similaridades temáticas que a produção geracional do período compartilha entre si.

Outro aspecto que os alinha, conforme ressaltado por Moriconi em sua apresentação, é a relação deles com a música: à exceção de Ana C., os quatro demais poetas foram também letristas da música popular brasileira. No texto introdutório, o antologista nos explica que o caráter dúbio entre letrista e “poeta de livro” evidencia

o caráter formador que a MPB teve na origem da poesia dos anos 1970. Embora não fosse letrista, Ana C. também dá testemunho desse fato, como podemos observar tanto no poema “Samba-canção”, incluído na presente antologia, quanto nas alusões a canções e referências a músicos populares, nacionais e estrangeiros, frequentes nos seus textos. O fato é que pela primeira vez na história da poesia literária brasileira, e quiçá mundial, um novo movimento inspirou-se não primordialmente em ícones literários do passado e sim na palavra cantada de seu próprio tempo (Moriconi, 2016, p. 13).

Alguns dos poemas/letras de canção constam na antologia, com destaque para os emblemáticos de Torquato Neto “Go back” (gravado pelo grupo Titãs);

“Mamãe coragem” e “Geleia geral” (imortalizados, respectivamente, nas vozes de Gal Costa e Gilberto Gil no histórico álbum “Tropicalia ou Panis et Circensis”). Encontram-se ainda dois outros em parceria com Jards Macalé, no caso de “Let’s play that”, também de Torquato, e “Olho de lince”, de Waly Salomão. A antologia, nesse aspecto, é um ótimo suporte para o trabalho com a letra de canção em sala de aula e permite que se aborde a geração tropicalista em diálogo com a marginal.

O ressaltado caso do cancionário de Torquato, enquanto uma marca de sua obra, revela outra possibilidade de trabalho com a coletânea: sua divisão em cinco seções, separando os referidos autores que a compõem pelos nomes (em vez de mesclar poemas dos cinco em categorias temáticas e/ou formais, por exemplo), apresenta poemas expressivos para se compreender a poética de cada autor. Por esse motivo, mostra-se relevante também para um aprofundamento sobre as particularidades da obra de cada um, no que os distingue, embora compartilhem a mesma geração.

Isso nos leva a analisar o segundo fator a ser atentado em nossa leitura: o destaque para a versatilidade das formas poéticas presentes no volume e a sua forma de veiculação em suportes não convencionais de editoração. Iniciando por este último aspecto, retomamos Holanda (2004, p. 110) para tratar da polêmica em torno da classificação da geração em “marginal” ou “mimeógrafo”, adotada por seus analistas “não sem certo temor e hesitação”. Como ela mesma nos explica na apresentação à 1ª edição de sua antologia *26 poetas hoje*, lançada em 1976 (em que, pela primeira vez, foi dada visibilidade pela crítica especializada aos poetas da geração), a relação com a noção de “marginalidade” advém do modo independente como a produção e veiculação desses poemas circulavam em meios não convencionados pelo mercado editorial, particularmente em livretos artesanais e mimeografados.

Este é um dos aspectos destacados por Moriconi (2016, p. 10-11) sobre os poemas do período, como ressalta na apresentação: “Também se falou deles como ‘geração mimeógrafo’, pelo caráter artesanal dos livrinhos de poesia populares na época, vendidos pelo próprio poeta em portas de cinemas, teatros, bares”, lembrando que, ainda hoje, a prática permanece: “Poesia é artigo que circula de mão

em mão e se fortalece no boca a boca” (Moriconi, 2016, p. 11). Assim, é interessante notar, na seleção de Moriconi, poemas em que são explorados visualmente elementos gráficos e tipológicos pouco tradicionais, como “o inseto no papel” e “de som a som”⁴, de Leminski, ou “Remix ‘século vinte””, de Waly Salomão. A ocupação espacial pouco convencional, em contraste com o papel em branco e o distanciamento das margens, é outro aspecto interessante que comparece em muitos dos poemas de Cacaso, Leminski e Salomão – com destaque para o longo “Pista de dança”, deste último, musicado por Adriana Calcanhotto no álbum “Marítimo” (1998), em que o poema parece bailar na paginação do volume, ora para a esquerda, ora ao centro, ora para a direita.

O prosaísmo típico dessa geração, que levou Heloisa Buarque de Hollanda (2021, p. 27) a associar os poetas da geração à tradição modernista na apresentação aos *26 poetas hoje*, comparece em muitos dos poemas selecionados por Moriconi: vejam-se, por exemplo, “Conversa de senhoras”, de Ana C., o poema de verso único e não intitulado “PASSOU UM VERSINHO voando? Ou foi uma gaivota?” (Cacaso *apud* Moriconi, 2016, p. 61), de Cacaso, ou o expressivo “Olho de lince”, de Waly e Macalé, imortalizado em declamação ao vivo no show “Amor Festa Devoção”, de Maria Bethania (2010). Esses e tantos outros exemplos são ótimos poemas para romper com uma concepção conservadora que associa poesia à forma fixa e à rima, tão comum entre os estudantes, configurando um ponto alto da antologia.

Os dois principais fatores ressaltados nessa breve análise da coletânea, relacionados, grosso modo, a tema e forma, foram os mesmos que nortearam os objetivos das aulas das então licenciandas com a leitura de *Destino: poesia em sala de aula*. Como se vê a seguir, enunciado em seus discursos, a ênfase recaiu, na primeira aula, no entendimento do contexto de produção e recepção em que circularam tais obras. Para tanto, a estratégia de mediação de leitura explorou diferentes poemas de três autores. Já na segunda, deu-se o oposto: privilegiando a poética específica de uma única autora, explorou-se o hibridismo estético pela imbricação de diferentes gêneros textuais na poesia de Ana Cristina Cesar.

⁴ Trata-se do primeiro verso dos referidos poemas, que não são intitulados.

Aula I: As formas de resistência e contracultura na poesia de Cacaso, Paulo Leminski e Torquato Neto

Durante o estágio, como licencianda de habilitação dupla – Português e Inglês – optei por trabalhar com o gênero poético nas duas regências. No mesmo período, finalizava o meu trabalho de conclusão de curso em Letras, também sobre poesia. Apesar da familiaridade com o gênero, o percurso de planejamento de aula se provou um território inexplorado.

Em *Poesia na sala de aula*, Pinheiro (2018) advoga pela necessidade de uma abordagem lúdica do poético nas classes de literatura. O planejamento da aula, então, foi pensado de forma a aproximar os estudantes do conteúdo, colocando-os na posição de explorar os textos e suas materialidades e proporcionar um contato com os diversos sentidos dos poemas trabalhados: por exemplo, a materialidade do livro escolhido, comparando-se a primeira e a segunda edições⁵, as especificidades de uma antologia, as escolhas estilísticas, os recursos visuais e sonoros e o espaço que cada poema ocupava em sua respectiva página.

Tornou-se prioridade que os estudantes enxergassem a produção artística com a qual teriam contato como algo que produz “uma ideia de poesia, de autor e de linguagem poética inovadores” (Garramuño, 2012, p. 77). Tratando da obra de Waly Salomão, Garramuño escreve sobre o papel inovador que a língua teria tomado para esquivar a censura, como “inventando compartimentos, lajes, esconderijos, malas de fundo falso” (Garramuño, 2012, p. 73). As atividades da aula foram pensadas, portanto, de forma a suscitar novos olhares sobre o que é poesia; os diversos papéis que desempenha e os diversos visuais que assume; a forma de iniciar conversas sobre a ideia de marginalidade e o ato de escrever a partir dela; as representações

⁵ Em nosso projeto de leitura, deixamos como livre critério a aquisição da primeira ou da segunda edição pelos estudantes. Atualmente com preço de capa em torno de R\$60,00, inviável para a realidade de muitos estudantes da rede pública, incentivamos a possibilidade de se buscar pelo livro em sebos ou em bibliotecas públicas (na biblioteca da escola, apenas um exemplar encontrava-se disponível. Em contato com a representante comercial da editora, dois volumes foram doados para nosso acervo, insuficiente para um rol de sessenta estudantes distribuídos em duas turmas de 8º ano do EF).

diversas dessa posição dissidente, bem como a forma como essas são lançadas ao papel.

A primeira parte da aula-regência, após os estudantes terem formado uma roda, consistiu na leitura, por eles, em voz alta, dos poemas “As aparências revelam” e “Reflexo Condicionado”, de Cacaso, “Marginal é quem escreve à margem”, de Leminski, e “Agora não se fala mais”, de Torquato Neto. A partir das leituras, propôs-se a montagem de uma espécie de nuvem de palavras coletiva. Em partes, a decisão pela leitura coletiva deu-se com base na “Apresentação” de *Destino: Poesia* (Moriconi, 2010), em que Moriconi aponta a necessidade da leitura em voz alta dos poemas como maneira de “curtir a poesia” (Moriconi, 2010, p. 16), bem como a releitura destes – modo também de descentralizar o foco da professora.

Após a leitura de cada poema, durante a montagem da nuvem de palavras, os alunos sugeriram vocábulos que surgiam a partir do que sentiram durante a leitura do poema – destaque alguns exemplos como cultura, contracultura, resistência, opressão e ditadura. Através das interações dos estudantes, terminada a leitura de cada texto e do pedido que comentassem acerca de sentimentos, observações, sensações quaisquer que tivessem sido despertadas a partir do poema, criou-se uma leitura localizada no agora e dos restos de um real que habita nos poemas e que persiste em um cotidiano comum também aos estudantes. Como Moriconi escreve, “um poema só sobrevive se consegue afetar leitores de épocas que já nada têm a ver com seu momento de origem” (Moriconi, 2010, p. 15).

Iniciamos com o poema “As aparências revelam”, abaixo transcrito:

Afirma uma Firma que o Brasil
confirma: “*Vamos substituir o
Café pelo Aço*”.

Vai ser duríssimo descondicionar
o paladar.

Não há na violência
que a linguagem imita
algo da violência
propriamente dita?

Fonte: (Cacaso *apud* Moriconi, 2010, p. 70).

Sobre ele, analisamos a crítica ao desenvolvimento econômico e ao modo como se deu a industrialização do Brasil, mostrando como as mudanças, que são apresentadas como progresso (substituir o café, sinônimo de um Brasil agrário e colonial, por aço, símbolo da urbanidade), na verdade, escondem violência, exploração e desigualdade. Ao passar para o segundo poema, “Reflexo condicionado”, do mesmo poeta, o foco se desloca para a experiência do silenciamento.

pense rápido:
Produto Interno Bruto
ou
brutal produto interno
?

Fonte: (Cacaso *apud* Moriconi, 2010, p. 71).

Os versos curtos, fragmentados, refletem a repressão e a censura do período, possibilitam contato com outras formas estilísticas da poesia e também falam da violência das pautas econômicas, auxiliando na compreensão do contexto da geração poética. O isolamento do ponto de interrogação ecoa no último verso como uma pergunta para a qual não há resposta.

A nuvem de palavras realizada no começo da aula e as palavras sugeridas pelos alunos, como “cultura”, “resistência”, “opressão” e “ditadura”, foram essenciais e precederam, bem como embasaram, a análise textual que os alunos realizaram no material preparado para a aula. Por exemplo: ao ler “As aparências revelam”, a menção ao termo “ditadura” por um estudante permitiu-nos localizar a crítica ao desenvolvimento econômico da época (a troca do “Café pelo Aço”) não apenas como um tema abstrato, mas como uma violência de Estado, conectando a ironia do poema (“Vai ser duríssimo descondicionar/ o paladar”) à perda de paladar social para a crítica: a censura, portanto.

Os poemas possibilitaram ainda falarmos sobre como o próprio fazer poético pode ser o objeto do poema, como no caso de “Marginal é quem escreve à margem”, de Leminski:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe

Entretextos, Londrina, v. 25, n. 5, p. 99-121, 2025



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.

Fonte: (Leminski *apud* Moriconi, 2010, p. 91).

Olhamos, junto aos alunos, para o escrever nas entrelinhas: deixar transparecer o espaço em branco; permitir que a paisagem apareça; atentar para como esses fazeres questionam as convenções literárias tradicionais; ver o gesto marginal se manifestando não apenas no âmbito político, mas também como escolha estética. Como assinalado por Hollanda (2004, p. 109), “o registro do cotidiano quase em estado bruto informa os poemas e, mais que um procedimento literário inovador, revela os traços de um novo tipo de relação com a literatura, agora quase confundida com a vida”.

A abordagem do material didático criado para a aula, que pedia a relação entre os poemas de Cacaso e a reflexão sobre o contexto social do silenciamento, funcionou como uma mediação para essa discussão. O material forneceu um texto de apoio histórico e a obra visual “Seja Marginal Seja Herói”, de Hélio Oiticica. A inclusão desses elementos teve o objetivo de demonstrar aos alunos que a marginalidade era uma postura tanto estética quanto política – portanto, transcendia o texto literário –, com o que se intencionava estimular a percepção de que a poesia dialoga com outras artes e com as percepções do real da ditadura.

Os estudantes trouxeram para o debate a materialidade visual do texto no livro, notando como o poema em si estava deslocado para a margem da página. A percepção deles sobre a diagramação (o escrever à margem sendo realizado na margem da folha) demonstrou o entendimento de que a forma e o espaço em branco são parte integrante da mensagem e, também, do posicionamento marginal daquela geração. Essa leitura da materialidade do livro e do poema faz parte de uma exploração ativa das sugestões da linguagem e das escolhas editoriais como caminhos para a interpretação – o que era o desejado ao montar a aula.

Destacamos do quarto poema, de Torquato Neto, apenas um excerto: “Agora não se fala mais/ toda palavra guarda uma cilada/ e qualquer gesto é o fim/ do seu início;” (Neto *apud* Moriconi, 2010, p. 98). A partir dele, conseguimos explorar o uso

da repetição e discutimos as questões que o poema levanta: o silenciamento, a censura e a privação de direitos civis, construindo uma ideia coletiva a partir das inferências, com as respostas dos alunos, sobre a questão social em tela – quais situações suscitariam, portanto, as sensações descritas.

Como forma de consolidar a leitura aprofundada, a proposta de produção textual do material solicitou aos estudantes a redação de um parágrafo crítico sobre outro poema de Torquato Neto (“Mãe, coragem”), perguntando acerca de relações possíveis com a obra de Hélio Oiticica. Essa atividade final buscou garantir que a recepção da aula se fizesse, também, em um produto escrito de reflexão, fomentando a produção escrita e crítica ao criar pontes entre a estética marginal (o poema) e a postura contracultural (a imagem).

A seleção dos poemas nos possibilitou trabalhar com diversas formas da poesia: o poema como denúncia, como expressão de silenciamento, bem como as diferentes formas de experimentação estética presentes na geração marginal. A aula possibilitou aos alunos entender não somente o contexto da geração, mas também ter contato com novas formas de poesia – conhecimento que foi expandido na regência seguinte. Como forma de compartilhamento das práticas, o material didático desta aula pode ser acessado pelos leitores pelo seguinte [link](#).

Aula II: O hibridismo de gêneros do discurso na poética de Ana Cristina Cesar como expressão da geração mimeógrafo

Para servir de introdução ao segundo relato de aula, sinto a necessidade de abordar uma aproximação primeira com o gênero poético que nós, ex-licenciadas, trouxemos de nossas experiências pessoais, de forma que tal afinidade mobilizou nosso desejo de localizar nossas regências quando o currículo escolar tocava na temática. No entanto, ainda que já existisse uma proximidade prévia de nós duas com a matéria que seria dada, ainda foi necessário, claro, traçar um caminho preparatório. Afinal, existe uma distância entre pesquisar sobre a poesia em “um teto todo meu” – ressoando o texto de Virginia Woolf – e estabelecer um diálogo com uma turma de 8º ano do EF cujos estudantes eram oriundos do ensino público e

pertencentes a contextos socioeconômicos diversos.

Então, nossa motivação primeira foi encontrar caminhos por meio dos quais nos fosse possível costurar, junto aos estudantes, um entendimento dos poemas da geração da poesia marginal, de forma que o convívio com aquela poética pudesse despertar, neles, algo que com eles se comunicasse. Afinal, como nos ensina Hélder Pinheiro, “quando preenche a sala de aula, a poesia pode transbordar e inundar outros espaços e regar outras experiências significativas” (Pinheiro, 2018, p. 56). Um desejo era claro: ultrapassar a barreira que muitas vezes é imposta à compreensão da poesia, fugindo de um entendimento prévio de que esse gênero literário é composto estritamente por uma linguagem difícil ou por assuntos pouco apreensíveis.

Em minha aula, cujo título nomeia este terceiro tópico, a temática foi localizada na poeta Ana Cristina Cesar. Usei como base a apresentação de Marcos Siscar no livro em homenagem à autora para a coleção “Ciranda da poesia”, na qual aborda as misturas de gêneros do discurso que Ana C. traz para dentro de sua poesia – cartas, bilhetes, diários – e a maneira como ela reivindica as características desses gêneros para a sua construção poética:

A poesia é construída e o poeta, um fingidor. Desde o momento em que a vida passa para o poema, ela se perde ou se transforma. A biografia num poema [...] não pode ser tomada “ao pé da letra”. Entrar no poema é uma metamorfose. No poema, saímos do material bruto e entramos na literatura. Trata-se de uma produção de sentido, da criação de uma nova realidade (Siscar, 2010, p. 15).

Na aula, dois poemas foram trabalhados: “Primeira lição” e “Jornal íntimo”. O debate com a turma surgiu a partir dessa noção de metamorfose lírica abordada por Siscar. Na aula, meu interesse era mobilizar os alunos para entrarem na discussão sobre os limites entre os diferentes gêneros quando localizados em um contexto poético. De modo geral, perdurou a pergunta: como sabemos que isso é um poema?

Como os títulos já anunciam, há nesses poemas um entrelaçamento de gêneros. No primeiro, o poema comporta-se como um livro didático, que traz definições do lirismo. Por sua extensão, recorto a primeira parte a título de ilustração:

Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.
O gênero lírico compreende o lirismo.
Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.
É a linguagem do coração, do amor. [...]
(Cesar *apud* Moriconi, 2010, p. 35).

O segundo poema, “Jornal Íntimo”, manifesta um enlace com o gênero diário. Nele, há a marcação de diferentes dias e é formado a partir de uma escrita de um eu que relata o cotidiano. Composto por nove fragmentos, recorto o primeiro:

30 de junho

Acho uma citação que me preocupa: “Não basta produzir contradições, é preciso explicá-las”. De leve recito o poema até sabê-lo de cor.
Célia aparece e me encara com um muxoxo inexplicável.
(Cesar *apud* Moriconi, 2010, p. 39).

Meu interesse em trabalhar com esse poema surgiu, primeiro, do fato de ele possuir um estilo recorrente em Ana Cristina Cesar: a autora ficcionaliza esses gêneros tão ligados a uma escrita pessoal, o que permite dar espaço para um questionamento acerca dos limites e das possibilidades poéticas. Trabalhado junto ao “Primeira lição”, havia o interesse de debater aquele tipo de ensinamento lírico abordado pela poeta e aquilo que ela efetivamente escreve. Fugindo de um debate clássico, preso nos postulados descritivos e, de certa forma, limitantes acerca da lírica, trabalhar com uma poética que radicaliza tal aspecto permite aumentar o entendimento desse gênero pelos estudantes.

O caminho das aulas se deu a partir de uma primeira leitura conjunta, em que eu solicitava a contribuição de um aluno para ler o poema em voz alta. Após a leitura, mobilizei as percepções que cada um teve acerca do exemplo: o que acharam da linguagem, do que o poema fala, com o que se parece, se havia sofrido algum tipo de estranhamento. Da recolha dessas respostas, tecia-se uma linha que ligava os dois poemas e o interesse de abordar o gênero lírico por essa autora, com o ensejo de mostrar as muitas possibilidades que o gênero poético permite.

Além disso, foi reiterado o que fora abordado na aula anterior: as características da geração marginal e os companheiros de período de Ana Cristina Cesar. Ao apresentar a autora, outra terminologia que marca esse contexto foi apresentada a eles: geração mimeógrafo. Sabendo da distância temporal e do

desenvolvimento tecnológico que separam estudantes do 8º ano em 2024 desse recurso, levei o mimeógrafo disponível na escola e folhas mimeografadas que eu, semanas antes, fiz, em um processo de confecção de uma folha matriz com poemas transcritos da poeta e de produção de cópias mimeografadas que passaram de mão em mão.

Em um processo divertido de utilizar papel estêncil e álcool – recursos já não utilizados em meu próprio tempo de escola –, fiz uma demonstração para os estudantes da forma como os poemas eram impressos e compartilhados naquele contexto de imposições ditatoriais e pouca acessibilidade editorial. A experiência lúdica com o mimeógrafo em sala, por fim, retoma nossa máxima de se procurar instalar o poético como uma experiência na sala de aula e propiciar uma efetiva aproximação da poesia aos estudantes, pois, como nos lembra Pinheiro (2018, p. 28), “é no cotidiano que se planta o gosto pelo texto”. Como forma de socialização da prática pedagógica, o material didático elaborado para esta aula pode ser acessado pelos leitores no [link](#).

Considerações finais: próximos destinos...

A partir das experiências com as aulas I e II, percebemos que a leitura coletiva dos poemas de *Destino: poesia* permitiu aos alunos compreender a dimensão política e estética da produção poética de uma geração de poetas – evidenciando como os versos curtos e fragmentados funcionam não apenas como expressão poética (e uma das características recorrentes da geração poética aqui lida), mas como um registro de experiências de censura e repressão da época. A montagem da nuvem de palavras na aula I, por exemplo, mostrou-se produtiva para que os alunos externalizassem percepções, sentimentos e associações a partir dos poemas, transformando o processo de leitura em uma experiência coletiva de construção de sentidos. Na aula II, o aprofundamento na poética de uma das poetas da geração permitiu mostrar que há subjetividades específicas dos autores, apesar de compartilharem um mesmo tempo-espço. Além disso, ampliaram-se os

entendimentos de “poema” e “poesia”, mostrando que não há limitações para a liberdade criadora da palavra poética.

Nesse ponto, é possível depreender, junto aos estudantes, que poética e política são, ao cabo, faces de uma mesma moeda. A seleção dos poemas possibilitou trabalhar múltiplas formas e funções da poesia: desde a denúncia social até a experimentação formal, passando pelo ato de escrever “nas entrelinhas”. Ao discutir os gestos marginais presentes nos textos, os estudantes foram instigados a refletir sobre como ética e estética se entrelaçam na poesia, compreendendo que o fazer poético pode ser simultaneamente um posicionamento ideológico e uma escolha artística. A versatilidade dos poemas selecionados por Italo Moriconi para a antologia é, nesse sentido, um de seus pontos altos para os propósitos elencados em nossa proposta didática.

Ficou evidente para nós que as aproximações entre ética-estética / poética-política promoveram a desconstrução de estereótipos acerca da poesia. A presença do mimeógrafo na sala de aula, por sua vez, contribuiu para que os alunos acessassem o gênero também pela chave da ludicidade, o que ampliou a dimensão da experiência estética com os poemas lidos. Em nossa avaliação geral, assim, entendemos que o propósito maior de se trabalhar com a poesia na dimensão da experiência estética – isto é, enquanto vivência catalisadora do poético no ambiente escolar – foi, enfim, alcançado, resultando na almejada aproximação dos estudantes com a poesia em sala de aula.

Por último, mas nem por isso menos relevante, a experiência de desenvolvimento de uma aula autoral em processo coletivo foi, para nós três, notoriamente uma vivência significativa no processo de formação inicial e continuada de nossas próprias trajetórias, contribuindo para a constituição das identidades docentes de cada um/a de nós. Que venham os próximos destinos a serem experienciados pela liberdade poética.

Referências

- COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- GARRAMUÑO, F. *A experiência opaca: literatura e desencanto*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- HOLLANDA, H. B. de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- HOLLANDA, H. B. de (org.). *26 poetas hoje: antologia*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LEMINSKI, P. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MORICONI, I. (org.). *Destino: poesia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010.
- MORICONI, I. (org.). *Destino: poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016.
- PINHEIRO, H. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- SISCAR, M. Apresentação. In: CESAR, A. C. *Ana Cristina Cesar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 7-57.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- UZÊDA, A. L. M. de. “A poesia está em tudo”: experiências com o poético no cotidiano da sala de aula. *Sede de Ler*, Niterói, v. 10, n. 1, p. 31–46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/sededeler/article/view/50036>. Acesso em: 20 out. 2025.

Recebido em: 21 set. 2025.
Aprovado em: 23 dez. 2025.

Revisor(a) de língua portuguesa: Ana Paula Luiz dos Santos Aires
Revisor(a) de língua inglesa: Lucas Ricci Pereira de Andrade
Revisor(a) de língua espanhola: Beatriz Grenci

